TÍTULO*:* *Edições (auto)biográficas: uma produção de voz feminina*

AUTORA: Lilian Maria de Lacerda

INSTITUIÇÃO:
Professora na rede municipal de Belo Horizonte e professora (substituta) na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas. Pesquisadora vinculada ao Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita/CEALE-FaE /UFMG.

RESUMO:

A produção autobiográfica e feminina no Brasil ganha visibilidade acadêmica entre os anos 60 e 80, do século XX, graças a revisão paradigmática ocorrida em vários campos do conhecimento científico, particularmente, no domínio da história da literatura e dos estudos sobre a mulher. O conhecimento acerca dessa produção e desse tipo especial de literatura, de corpo e voz femininos, revela-se como uma documentação de grande valor à pesquisa. Nesse texto é objetivo inventariar parte da história dessas edições, o que significa dizer, apontar alguns caminhos percorridos pelas memorialistas e seus familiares até as editoras; conhecer alguns obstáculos sociais e culturais enfrentadas pelas escritoras, no Brasil, e, mais recentemente, verificar o crescimento dos títulos autobiográficos, suas nuances e tendências, nessa última década.

PALAVRAS-CHAVES: História, Autobiografia feminina e Produção editorial.

Edições (auto)biográficas: uma produção de voz feminina

A proposta deste texto sustenta-se, fundamentalmente, nos resultados de pesquisa de doutoramento.[1] Embora, a investigação esteja concluída, o tema convida-me a outras escavações no campo da literatura, a busca de livros de natureza memorialística assinados por escritoras brasileiras.

Na primeira parte revisito parte dos obstáculos enfrentados pelas mulheres, no exercício da escrita e, em particular, na edição de seus textos autobiográficos. Resgato, também, alguns elementos acerca da história de produção e de publicação da escrita memorialística no Brasil que caracterizam os processos de silenciamento e de censura às mulheres-escritoras, particularmente, às memorialistas. Desse percurso apresento alguns trabalhos de caligrafia feminina, no gênero memória, situando-os na travessia incerta que tiveram seus textos desde a escrita, propriamente dita, até a publicação.

Na segunda parte do artigo abordo, sob um ponto de vista atual, alguns aspectos que vêm marcando a escrita autobiográfica contemporânea, uma vez ultrapassados preconceitos e caminhos oblíquos que comprometeram, significativamente, as relações de gênero e a participação ativa da mulher na sociedade e nas Letras. Apresento, também, uma listagem de obras que revela parte do fluxo da escrita autobiográfica em produção e divulgação no Brasil.

A literatura através da memória:

A escrita de voz feminina, em particular, a autobiográfica cresceu ao longo do século XIX e conquistou sua maioridade, sobretudo nos anos sessenta e setenta do século XX, em fóruns sociais os mais diversos.

Na atualidade, o compromisso com a literatura feminina, de corpo e voz femininos, mobilizou o projeto de investigação de Maria José Motta Viana[2] e permitiu o resgate de um número significativo de obras literárias destinadas, por muito tempo, aos sótãos empoeirados das casas, às gavetas dos armários e aos baús de família.

Valendo-me do acervo garimpado por Maria José Motta Viana, acabei ampliando seu levantamento e consultando um conjunto de noventa títulos autobiográficos. Esse conjunto de edições aponta para aspectos importantes no contexto da história da literatura brasileira. Um deles diz respeito aos inúmeros manuscritos pessoais, escritos por diferentes mulheres, mas que sequer chegaram a ser publicados. Foram queimados ou inutilizados

pelas próprias memorialistas, por seus descendentes e parentes como papéis de pouco ou de nenhum valor literário e documental.

A escrita diária constitui uma prática socialmente divulgada entre as moças, desde o século XIX. No entanto ela foi, quase sempre, destinada ao fórum privado ou, quando muito, publicada em edições reduzidas, sem impacto editorial ou comercial, divulgada apenas entre os familiares e amigos próximos.

Esses títulos autobiográficos com os quais trabalhei não representam, de fato, o potencial literário do gênero memória, de autoria feminina, no Brasil, visto que em sua maioria, essa escrita não veio logo à público, mas ao contrário, foi represada, durante décadas, por circunstâncias de força social, cultural, política e religiosa, historicamente engendradas na sociedade do passado.

Esses escritos de caráter intimista foram considerados, por muito tempo, como papéis de valor duvidoso. Uma vez publicados, alimentaram uma rede em formação – a literatura nacional e, particularmente, a literatura de corpo feminino.

O hiato entre escrever e editar revela parte das condições sócio-históricas enfrentadas para a edição de seus escritos, dentre eles, os de cunho pessoal como são os diários, os romances autobiográficos, os depoimentos, as memórias, algumas crônicas esparsas, os relatos de vida e as autobiografias.

Dos títulos publicados, alguns só foram editados pela iniciativa de auto-financimento das próprias memorialistas, em tiragens independentes e reduzidas, embora esse fator seja insuficiente para prever o circuito de seus leitores e leitoras. São exemplares, nesse caso, os livros*: Ecos de minha existência* de Áurea Custódio Bernardes, lançado em 1970[3];*Lembranças do meu tempo***,** de Dinorah Renault Junqueira, de 1957; *Minhas lembranças, minhas saudades*, de Elzira Augusta Neves, lançado em 1984*; Minhas memórias*, de Selene Espínola C. Reginato, de 1966 e *Pesadelo que dura* de Maria Stella V. de Almeida[4].

Há outras histórias como a de Anna Bittencourt. Poderia citar a de Maria da Glória Quartim de Moraes e sua obra *Reminiscências de uma velha*, escrita a partir de seus cadernos-diários. A compilação póstuma de seu livro data de 1981 feita por intermédio da neta e escritora Yone Quartim, que assume a co-autoria do texto. Seus diários de 1893 a 1916 só foram entregues para a publicação na velhice. Como outros livros, só veio à

público anos mais tarde de sua produção e representa um dos títulos da coleção "Vovó Vita", auto-financiada por Yone Quartim[5].

Cecília Assis Brasil, escritora de muitos diários, teve seu livro editado com o apoio da família. Sabe-se que seus parentes conservaram apenas os cadernos que datam de 1916 a 1932, com exceção dos cadernos de 1919 e 1922 – extraviados[6]. Para fim de publicação não faltaram as supressões costumeiras de alguns nomes, situações e acontecimentos, referentes ao período entre 1929 e 1932, o que não impediu fragmentos temporais e textuais na compilação final da obra. Carlos Reverbel, na introdução do livro, afirma a despretensão da diarista em publicar suas anotações pessoais.

Outra publicação realizada com o apoio de familiares é a de título *Reminiscências*, cuja autora é Maria Eugênia Torres Ribeiro de Castro. O material a que tive acesso é uma reedição de 1975, dos diários de Maria Eugênia, inicialmente publicados em 1893. Seu filho, Flávio Torres de Castro, cuidou dessa reedição, fazendo algumas alterações no texto e o prefácio da obra. Segundo ele escreve, o livro tanto homenageia sua mãe, quanto oferece "um documentário de inestimável sentido histórico-pátrio" para os estudiosos "das coisas da nossa terra"[7]. Ao que parece as duas edições contaram com pequenas tiragens, já que os raros exemplares da primeira edição só foram localizados entre as pessoas da família e os demais reeditados por meio de um departamento gráfico[8].

Além do apoio familiar, há de se destacar que muitos relatos do cotidiano têm como mola propulsora a nostalgia somada à idade mais avançada. Saudade e velhice dão as mãos na aliança autobiográfica de Edwiges Carvalho do Nascimento, paulista que aos 83 anos de idade reconstrói parte de suas lembranças através do *livro Para sempre amor. Histórias de minha vida*, cuja primeira edição data de 1984, pela Espaço Editorial, com a participação de sobrinhos e parentes que atuaram, inclusive, no planejamento gráfico, na revisão textual e na composição fotográfica da obra. É a saudade melancólica que abre o discurso inagural de Isabel Silveira. Obra iniciada em torno de 1924, e publicado em 1962. O projeto autobiográfico dessa memorialista é a tentativa de reencontrar "o paraíso perdido"[9] e compensar sua solidão diante da morte do marido e escritor Valdomiro Silveira e da ausência dos filhos: Miroel Silveira (escritor, tradutor e teatrólogo) e Isa Silveira Leal (escritora, tradutora e colaboradora de jornais).

A história dessas edições revela ainda outros capítulos da literatura memorialística brasileira. No caso dos projetos autobiográficos de Cecília Meireles, de Helena Morley[10] e de Maria da Glória de Arreguy, umas das poucas memorialistas cujas obras vieram à público nos anos 40 e 50 do século XX. No caso de *Minha vida de menina: cadernos de uma menina provinciana nos fins do século XIX*, o texto chega às vitrines em 1942 e obtém inédito sucesso de tiragem e reedições. Já *Olhinhos de gato* de C. Meireles, é inicialmente publicado pela revista Ocidente, nos anos de 1939 e 1940 e, apenas em 1983, conquista a edição em livro, pela Editora Moderna. Quanto à *Memórias de uma professora*, de Maria da Glória Arreguy, a escrita e reescrita das memórias, supervisionadas pelo filho e jornalista João Etienne, foram publicadas semanalmente pelo Jornal *Estado de Minas*. O sucesso que atraiu cartas de leitoras e de professoras da capital e do interior mineiro, motivou o jornalista para a publicação do livro, ocorrida em 1958. A segunda edição, revisada e ampliada pela autora fora preparada para 1975, ano em que Glória comemorou seus 80 anos de vida, mas, infelizmente, só foi divulgada em 1995, por intermédio de sua neta e jornalista – Maria Clara Arreguy – que obteve apoio editorial da Fundação Cultural Belo Horizonte[11].

Em outras situações o resultado das publicações das memórias femininas torna-se possível mediante as lutas, as conquistas femininas ocorridas na sociedade brasileira e a ampliação de uma série de direitos, antes negados às mulheres. Além desses fatores é importante mencionar o crescimento do mercado editorial brasileiro a partir das décadas de 30, 40 e 50; a conquista de novas tecnologias da comunicação particularmente no processo editorial; as descobertas eletro-eletrônicas que impulsionam e modificam os meios tradicionais de interação à distância e o interesse crescente pela consolidação e divulgação da imprensa e da literatura nacional brasileira[12].

Marisa Lajolo, ao focalizar o palco literário dos anos 60 e 70, recapitula não somente elementos do contexto brasileiro da época, mas também a atuação de algumas mulheres-escritoras no período:

> Era um Brasil cheio de mulheres com caneta na mão e idéias na cabeça: em 1960, Cecília Meireles publica *Metalrosicler* e Clarice Lispector *Laços de família*; em 1961, Cecília lança *Solombra* e Clarice *A maçã no escuro*; em 1962 surge *Ou isso ou aquilo* de Cecília e em 1963 Adelaide Carraro publica *Eu e o governador*; Henriqueta Lisboa *Além da imagem* e Lygia Fagundes Telles *Verão no aquário*; são de 1964 *Crônica trovada da cidade de Sam Sebastiam do Rio de Janeiro* de Cecília Meireles, *A paixão segundo GH* e *A legião estrangeira* de Clarice Lispector e *Histórias escolhidas* de Lygia Fagundes Telles. Em 1965 Cora Coralina estréia *Poema dos becos de Goiás e Histórias mais*; e Lygia Fagundes Telles lança *O jardim selvagem*. Em 1966 Nélida Pinõn escreve *Tempo das fru*tas e Anajá Cardoso *Negra Efigência: paixão de senhor branco*; em 1967 Maria Alice Barroso publica *Um nome para matar*; em 1969 Clarice Lispector lança *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* e são de 1970, O fundador de Nélida Pinõn, *Antes do baile verde* de Lygia Fagundes Telles e *Espelho provisório* de Olga Savary.[13]

Nesse contexto favorável à escrita de voz feminina, as temáticas de impacto social encontravam ressonância ao lado de estudos culturais como *A formação da literatura brasileira* de Antônio Cândido e *A formação econômica do Brasil* de Celso Furtado, obras de 1959, que contracenam ao lado de *Quarto de Despejo* (1960); as revistas *Manequim* (1959) e *Cláudia* (1960) e, oito anos depois, com *"a cara nova de Veja"* e *"o alternativo oficial O Pasquim"* de 1969[14].

O cenário redesenhado pela pesquisadora revela, também, que:

> os livros modernizam suas instituições e atrelam sua circulação a percursos mais diferenciados que amadurecem na década seguinte: em 1970 acontece em São Paulo a primeira Bienal Internacional do Livro, e 1972 celebra o Ano Internacional do livro com o lançamento de 1813 títulos de literatura; no ano seguinte (1973) funda-se o Círculo do Livro[15].

Nesse panorama cultural gerado nos anos 60 e amadurecido nos anos 70, contracenam não apenas livros, mas outros objetos culturais, como o rádio, a televisão, o cinema e as artes que "vão ao mesmo tempo do requintado ao esquerdizante e popular"[16].

Nesse contexto Carolina Maria de Jesus ganha voz e visibilidade. Dentre os livros mais conhecidos: *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, lançado em 1960 e *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada*, editado em 1961.[17] Os subtítulos que compõem os livros são reveladores da trajetória marginal vivida por essa escritora. Seu estilo tão marcado e marcante pela denúncia social, os efeitos de opressão e submissão a que esteve exposta, a pobreza, a pele negra e uma gramática própria conquistada fora dos bancos escolares e das regras convencionais do sistema padrão atraíram adeptos, mas também muitos críticos à sua obra e literatura.

Nas décadas de 60 e 80, apareceram outros discursos-denúncia realizados por mulheres pobres, subempregadas e de baixa ou nenhuma escolarização. Seus textos podem ser caracterizados como um "texto-verdade", chocam pelas temáticas de expoliação, desigualdade e sofrimento presentes na vida cotidiana. Entre esses livros poderia citar o de Francisca Souza da Silva intitulado *Ai de vós! Diário de uma doméstica*. Um depoimento, semelhante ao de Carolina de Jesus, narrado aos quarenta anos de idade e com o apoio de sua patroa.

Além desse, há o livro de Cícera Fernandes de Oliveira, autora de *Cícera, um destino de mulher* – uma autobiografia oral, gravada e posteriormente transcrita por Danda Prado[18]; *Ela e a reclusão: o condenado poderia ser você*, de Vera Tereza de Jesus, doméstica desde os quatorze anos e que passa pela experiência de prostituição, cárcere e depois se profissionaliza como costureira; *A queda para o alto* de Herzer, pseudônimo para a protagonista-orfã que narra suas experiências em internatos e reformatórios e *Com licença eu vou à luta*, de Eliane Maciel, memória de uma adolescente da baixada fluminense que reconstrói a violência do seu cotidiano e o palco de seus desajustes e conflitos emocionais junto à família, à igreja e à sociedade a partir de um cenário psicológico marcante.

O mercado editorial desde os anos sessenta "passa a absorver as publicações de cunho autobiográfico de prisioneiros, camponeses, negros, homossexuais, guerrilheiros, mulheres".[19] Será, pois, nessa perspectiva, que o Brasil do final do período de censura militar assistirá ao crescimento e divulgação da literatura memorial feminina, independente de suas posições de classe. *Atrás do muro escola*, editado pela Brasiliense, em 1968, pode ser exemplar nesse contexto. Em seguida veio o segundo volume, lançado numa coleção de época denominada *Uma nova mulher*, lançada pela Brasiliense[20] sob a efervescência de movimentos sociais diversos, entre eles, o movimento feminista.

Conquistam espaço de divulgação, também, os depoimentos de Lucy Lúpia Balthazar, formada em farmácia e bioquímica, funcionária pública, mas que deseja torna-se uma aviadora. Seu livro *Eu quero voar. O retrato de um preconceito*, revela as contradições sociais que vivencia em busca de suas realizações. Em outros discursos-depoimentos revelam-se tanto as lutas e as conquistas profissionais quanto as intimidades, descobertas e experiências identitárias que marcaram, significativamente, a formação da mulher brasileira, frente a novas orientações sobre sua sexualidade.

Temas antes apagados são desnudados como parte do corpo e do discurso feminino. É exemplar nesse sentido o título que lança Odete Lara como escritora de memórias: *Eu nua,* de 1976, com capa ilustrada a partir de seu retrato semi-nu. A esse primeiro livro seguem-se mais outros dois outros títulos: *Minha jornada interior,* de 1990 e *Meus passos em busca de paz,* de 1997. Todos eles, reafirmam a busca identitária de Odete, seus conflitos e conquistas pessoais, o percurso artístico no teatro e na TV e suas buscas por equilíbrio e auto-conhecimento. A escrita do tipo catarse aparece, também, nas obras de Adelaide Carraro – *Eu e o governador* e *Eu, mataria o presidente*; de Tônia Carrero – *O monstro de olhos azuis*; de Silvia Escorel – *Um telefone é muito pouco*; de Maria Luiza Amaral Peixoto – *Candeia do corpo: reminiscência de uma pequena vida* e na infância retratada por Cecília Meireles, por meio do título *Olhinhos de gato*.[21]

Os processos que eclodem naquele contexto, historicizam muitos processos de escritura realizados à posteriori, como por exemplo, os livros editados entre as décadas de 80 e 90, dos quais, cito apenas os de: Ana Bondespacho – *A rede era furta-cor*; de Ivete Barreto Camargos – *Vozes do Silêncio*; de Mirian Lee – *Os reis e eu*; de Marcia Moura – *Por debaixo da toga*; de Alita Rego – *Dama da noite*; de Dinah Sfat – *Palmas pra que te quero*[22] e de Dorothea Werneck – *Apesar de ser mulher*. Textos que quebram algemas e expõem os interditos sociais experimentados pelas mulheres durante a vida doméstica e profissional.

Os processos de censura e de recalque transformam-se e dissimulam-se segundo as circunstâncias de tempo e lugar. Enquanto instrumento de controle e de poder de um certo conjunto de idéias que se pretende hegemônico, a censura foi, nos anos 80, questionada e, portanto, em algumas situações, atenuada e disfarçada e, em outras situações, debilitada, e suprimida. É nesse quadro histórico social que se afirmam as caligrafias de brasileiras de mulheres mais ou menos ilustres, conhecidas e anônimas. Recordo da saudosa Cora Coralina e de seu depoimento feito em poesia - *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. De outro lado na telinha televisiva, o seriado *Malu Mulher*, alcançava grande audiência e popularidade; modalidades de discursos que marcaram os processos de mudança social e , particularmente, aqueles ligados à identidade feminina.

No entanto, as regras do/no mercado editorial, que se estabelecem na linha do tempo, não distribuem as oportunidades indiscriminadamente. Existem outros/novos

mecanismos de censura e de "liberdade" que definem *o que* ser editado, *como* ser editado e *sob quais* condições editar. Além disso, os imperativos econômicos, as leis de oferta e de procura negociadas no interior do mercado e as tendências na indústria cultural vão modelando e compondo os mecanismos de seleção, divulgação e socialização da literatura nacional e estrangeira em tradução no Brasil.

A memória enquanto literatura:

Atualmente o gênero memória ultrapassa a casa dos noventa títulos. Esse crescimento evidencia-se pela oferta, cada vez maior, de diários, autobiografias, biografias e memórias divulgadas pela rede de comércio convencional e virtual. [23]Em relação aos títulos nacionais poderia destacar:

- Lúcia Rito, autobiógrafa da obra *Memórias do caos*, lançado em 1984, pela Ed. Achiamé e com um segundo título, mais recente – *É a mãe*. Lúcia Rito é anunciada, também, como biógrafa da obra – *Fernanda Montenegro em O Exercício da Paixão*, lançada pela Rocco, em 1990;
- Laurita Mourão, a memorialista do livro – *A mesa de jantar*, lançado em 1979, pela Editora Nórdica. Dela localizei mais duas obras: *O Decamourão* e o *Incesto em segundo grau*;
- Zelia Goldfeld tem divulgado o título: *Encontros de vida*;
- Maria Julieta Drummond de Andrade, autora de *Diário de uma garota*, lançado em 1985, teve lançado, também, o livro - *A busca* - ambos editados pela Editora Record;
- Gabriela S. Leite assina o livro - *Eu, mulher da vida*;
- Zélia Gattai, escritora da série memorialista formada por *Anarquistas, graças a Deus*, *Um chapéu para a viagem*, *Jardim de inverno* e *Senhora dona do baile*, lançada entre os anos de 1985 e 1988, teve também publicados os livros *A casa do rio vermelho* e *Chão de meninos*. Recentemente Zélia lançou mais um título-memória. O fio condutor da história inicia-se em *Anarquistas* e afirma-se com *Città di Roma*.

Vencidos os interditos à divulgação dessa produção feminina, a escrita de caráter (auto)biográfico passa, poderia dizer, por uma nova fase. Refiro-me, em particular, aos títulos assinados por escritoras que biografam a vida de outras mulheres. Os depoimentos tratam tanto de pessoas comuns, ou seja, de mulheres sem reconhecimento no campo literário, político ou artístico, quanto de celebridades ou pessoas de vida pública ou notória,

como é freqüente no caso das biografias. Um exemplo nesse caso é o livro de Eloisa Meireles, chamado: *Novas historias de vovó Marieta.* Essas escritas sobre a vida privada reaquecem o debate na história da literatura brasileira acerca da literariedade dos trabalhos memorialísticos, uma vez que os relatos e (auto)biografias têm assumido ou sido (re)apropriados como documentos ou fontes documentais, apesar de se alojarem nos limites tênues existentes entre a ficção e a realidade, o imaginário e o verossímil.

A presença de metamemórias, ou seja, de narrativas baseadas em memórias de outrem, cujo foco preferencial prima pelo cultivo da memória, não apenas como gênero literário, mas, sobretudo, enquanto narrativa do patrimônio cultural e humano, reinstauram o debate sobre os limites da memória. De um lado a memória enquanto representação, de outro a memória enquanto documentação, cujas fronteiras põem em rediscussão dois pontos de vista, à priori, independentes e contrários: a escrita memorialística enquanto uma projeção ficcional do passado e/ou enquanto uma construção lítero-documental desse mesmo passado.

O livro de Rose Marie Muraro, que em 1999 alcançou duas edições consecutivas da biografia *Memórias de uma mulher impossível*, pela editora Rosa dos tempos e o *livro Olga Benário: a história de uma mulher corajosa* são bons exemplos, pois a pretexto da matéria memorialística, reinauguram um impasse antigo entre os campos da literatura e da história, da historiografia literária e da sociologia da leitura/da literatura no que se refere ao tratamento de questões complexas, como são as que envolvem o campo da memória – seus usos, tratamentos e (re)apropriações. *Olga Benário*, escrito por Ruth Werner, trata de uma história baseada em fragmentos de uma última carta de Olga Benário a Luiz Carlos Prestes. O caráter intimista alia-se ao documental, dado o valor da memória enquanto patrimônio[24]t anto em seus aspectos particulares, quanto no que se articulam com o coletivo social. Não é diferente com Rose Marie Muraro que trata de temas importantes da história brasileira, como o feminismo, a partir das experiências que vivenciou ao longo de sua vida e a de outros atores sociais, mulheres e homens.

Seguindo a trilha de outros monumentos em papel poderia citar, também, o livro sobre Anita Garibaldi, lançado por Yvonne Capuano em 1999, com o *título De sonhos e utopias... Anita e Giuseppe Garibaldi*[25]. Além desse título, há *Lúcia: a mãe de Glauber*[26] biografado por José Roberto Arruda e que tem como livro-irmão a autobiografia *Cartas ao*

mundo do próprio Glauber Rocha, composto a partir de mais de uma centena de cartas enviadas pelo cineasta e outras tantas por ele recebidas e que documentam parte de um Brasil efervescente em que viveu. Seguindo a trilha temos com Cida Golin[27] o lançamento de um livro de título sugestivo para os apreciadores do gênero memorialístico: *Memórias da vida e da criação*. Uma biografia a respeito do percurso literário de alguns escritores brasileiros contemporâneos escrita a partir do ponto de vista das esposas dos escritores.

Nos tempos de *Terra Nostra*, além das publicações sobre Anita Garibaldi, concorrem outras biografias como a de Suzana Barreto Ribeiro, cujo título é*: Italianos do Brasil: imagens e memórias (1920-1930)*. A caligrafia traz a marca historiográfica a partir da qual a autora reconstitui o processo imigratório dos italianos e a herança ítalo-brasileira aqui deixada. Nessa vertente arrolam outros títulos do gênero biografia, a saber:

- *Memórias das mulheres do exílio*, assinado por Albertina de Oliveira e publicado pela Editora Paz e Terra;
- *Amrik*, de Ana Miranda e editado pela Cia. das Letras[28];
- *Laura Alvim*, biografia publicada por Wanda S. Cardoso;
- *Chiquinha Gonzaga*, de Edinha Diniz;
- *Eu sou uma pergunta. Uma biografia de Clarice Lispector*, de Teresa Cristina Montero Ferreira e editado pela Cia. das Letras;
- *O livro de Madre Teresa de Jesus*, biografado por Marisa Marega, pela Editora Musa;
- *Roberta Close*, escrita em parceria com Lúcia Rito, também escritora de *Memória do caos*, editado em 1984.

Esses títulos e outros reúnem sob a rubrica memória uma multiplicidade de depoimentos. Eles se fazem distintos quanto aos traços de maior ou menor literariedade; às formas de estabelecimento do pacto autobiográfico[29]; à intenção prévia de publicação ou, ao contrário, a ausência dessa intenção; às cronologias privilegiadas em cada livro, aos conteúdos e formas do discurso feminino; à utilização de recursos fotográficos e documentos complementares e ao fato de algumas mulheres contarem (ou não) com uma trajetória literária anterior à publicação de suas memórias.

Em relação às escritoras que, entre outras criações literárias, publicaram ao menos um livro de natureza autobiográfica, poderia apontar algumas delas: Maria Paes de Barros, autora de *No tempo de dantes*, cuja obra foi recentemente lançada pela editora Paz e Terra;

Carolina Nabuco, cujo título memorial é *Oito décadas*, e data de 1973; Virgínia Tamanini, capixaba e autora de romances, entre os quais, o romance autobiográfico - *Estradas do homem* - de 1977; Maria José Dupré, que assina *Os caminhos*, de 1969; Maria de Lourdes Teixeira, autora de *A carruagem alada*, de 1989; Raquel de Queiroz, com a publicação de 1998 – *Tantos anos* – e escrito em parceria com sua irmã Maria Luísa; Tatiana Belinsky em *Transplante de menina: da rua Navios à rua Jaguaribe*, lançado em 1989, Raquel Jardim, escritora de *Os anos 40*, *Cheiros e ruídos* e *Vazio Pleno* – todos de cunho autobiográfico – além, também, dos trabalhos de Helena Silveira e Giselda Laporta Nicolelis, cujas obras foram lançadas com os títulos: *Paisagem e memória* e *O exercício da paixão*, editadas, respectivamente em 1983 e 1985.

Na guarita abrangente dos textos memorialísticos existem escrituras que acirram a polêmica entre ficção e verdade. Nesse caso Ruth Bueno contribui com dois livros de sua autoria. O primeiro deles – *Diário das máscaras* – publicado em 1980 e o segundo – *Em psicanálise* – lançado três anos depois. Além desses, é conhecida a publicação de Eliane Maciel[30] – *Corpos abertos*; *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, escrito por Cora Coralina e lançado em 1985 e *Clarice*. Nessa obra, a autora, Ana Miranda, não biografa, propriamente, Clarice Lispector. Seu projeto afirma-se por uma tática na qual consiste em personificar Clarice, dando-lhe um papel ficcional no livro e, dessa forma rompendo com o modelo tradicionalmente utilizado pelos biógrafos.

Sob a marca (auto)biografia abrigam-se ainda outros títulos. Refiro-me aos livros escritos sob um apelo de crítica social e, portanto, ligados a contextos históricos específicos. Poderia chamá-los de "livros paramulheres", já que concorrem para a educação/formação das mulheres. Entre as edições mais recentes os depoimentos chegam as vitrines com os títulos: *Medo do cinqüenta* e *Memória inventada* de Erica Jong; *Os diários de Virginia Woolf*; *Memórias da transgressão*, de Glória Steinem; *Memórias.Mulher em ação*, de Maria Conceição de Souza; *Para mim, chega*!, de Yvonne Bezerra de Melo; *Toda mulher é meio Leila Diniz* e *Mulheres que foram à luta armada*, de Luiz Maklouf Carvalho. No caso deste último livro é interessante como a revisita ao passado traz não apenas depoimentos e documentações do cotidiano de luta guerrilheira – urbana e rural – e da ditadura militar, como também a narrativa biográfica de dezenas de

mulheres que narram a história de suas ações armadas, amores, desafetos, tortura, exílio, prisão e esperanças.

Nesse caso, o trabalho com a memória alia-se à consulta a diversas documentações. Como se o biógrafo quisesse evitar os possíveis lapsos e falhas das lembranças e preenchê-las com as fotografias, recortes e manchetes jornalísticas, documentos e arquivos que tentam suplantar as censuras da própria memória e assegurar a fidelidade e veracidade dos depoimentos. A versão e contraversão da memória: verdade-mentira/ realidade-ficção sustentam-se como parte do pacto que sela a literatura e a autobiografia como um gênero textual específico, embora multifacetado e fascinante.

Referências de apoio:

BRANCO, Lúcia Castello. *O que é escrita feminina.* São Paulo: Brasiliense, 1992.

BRANCO, Lúcia Castello e BRANDÃO, Ruth Silviano. *A mulher escrita.* Rio de Janeiro: Casa Maria Editorial, 1989.

BRANDÃO, Ruth Silviano. *Mulher ao pé da letra.* Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 1991 (Tese de Doutorado em Literatura comparada).

COELHO. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira* – séculos XIX e XX. São Paulo: EDUSP, 1995.p. 1158.

COSTA, Francisco. Alma corsária. In: *Revista Brasileira de Literatura*: CULT. São Paulo, jan/2000, p. 37-40.

HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas*: 1850-1937. (Trad. Maria Thereza P. de Almeida et alli.) São Paulo: Brasiliense, 1981.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Os estudos sobre mulher e literatura no Brasil: uma primeira avaliação. In: COSTA, Albertina de O. et alli. *Uma questão de gênero.* Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

LACERDA, Lilian M. de. *Álbum de leitura: histórias de vida, memórias de leituras.* Belo Horizonte: Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 1999 (Tese de doutorado)

LAJOLO, Marisa . *A* leitora no quarto dos fundos. In: *Leitura: teoria e prática*. Campinas: SP, Mercado Aberto, ALB, 14 (25), junho/1995, p.10-18.

MUZZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras brasileiras do século19.* Florianópolis: Editora das Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

PERPÉTUA, Elzira. A escrita autobiográfica. In: ALMEIDA (org.). *Para que serve a escrita?* São Paulo: EDUC, 1997, p.168-173.

VIANA, Maria José Motta. *Do sótão à vitrine*: memórias de mulheres. Belo Horizonte: UFMG, 1993.

Notas

[1] Este estudo integra-se à linha de pesquisa: *Educação e Linguagem*. Sob o título: *Álbum de leitura: memórias de vida, histórias de leitoras* reconstituo, pela via da metaanálise, a história social da produção e publicação de 90 títulos memorialísticos, de autoria feminina, no Brasil. O foco preferencial nesse trabalho foi o de resgatar os processos, as condições e as práticas de leitura de um grupo de mulheres-escritoras por meio do inventário de suas trajetórias pessoais, familiares, escolares, religiosas e profissionais junto aos objetos escritos a que tiveram acesso. *Álbum de leitura* é, também, a metáfora para sinalizar um corpo de leituras que compôs a vida das meninas, moças, mães e velhas que selecionei para estudar. O elenco de textos e impressos de suas preferências permitiu reunir uma lista variada de livros, revistas, almanaques, jornais e outros materiais que circularam no Brasil, desde meados do século XIX. Por meio de suas práticas de leitura, os álbuns de vida narram suas histórias como mulheres leitoras e escritoras.

[2] Seu trabalho de dissertação de mestrado, intitulado *Do sótão à vitrine: memórias de mulheres*, defendido em 1991, na Faculdade de Letras, da UFMG, foi publicado em 1993, pela editora da mesma Universidade.

[3] O exemplar levantado na pesquisa de Maria José Motta Viana, a que tive acesso é, possivelmente, o original levado à prelo ou uma versão datilografada dos manuscritos. Apesar da pesquisadora ter privilegiado somente obras editadas sob a forma de livros, tenho dúvidas se, neste caso, a obra de Áurea Custódio Bernardes não escapou do critério adotado. Trata-se de um material, como já disse, datilografado, sem referência catalográfica ou outras marcas perigráficas que o possam caracterizar como livro. Se essa edição auto-financiada foi ou não impressa por uma gráfica de pequeno porte é difícil precisar, pois nesse caso não há menção sobre o trabalho gráfico como ocorre no material *Reminiscências*, de Maria Eugênia Torres de Castro.

[4] Nessa obra não há identificação da data de publicação.

[5] Dentre a coleção infanto-juvenil financiada por Yone Quartim, tanto os títulos próprios quanto os de outros escritores, eram distribuídos gratuitamente ou vendidos a preços módicos a fim de promover a leitura e a literatura nacional. (Cf. COELHO. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira– séculos XIX e XX*. p. 1158)

[6] O período de 1919 a 1922 corresponde aos dezenove e vinte e três anos de idade, vividos por Cecília Assis Brasil. A memorialista nasceu em Washington e naturalizou-se brasileira. Filha da aristocracia política e econômica brasileira contava com recursos materiais que lhe favoreceram uma vida de conforto, uma educação refinada dentro dos costumes da época, conhecia línguas estrangeiras e era na biblioteca do pai que se dedicava a escrever e a percorrer a literatura que tinha a sua disposição.

[7] CASTRO. *Reminiscências*, p. 12.

[8]As informações perigráficas são precárias no caso deste livro. Nele não consta referência editorial, mas apenas a indicação: "composto e impresso no departamento gráfico do M. A. F. C. , em dezembro de 1975.

[9]SILVEIRA. Isabel quis Valdomiro. p. 8.

[10] Pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant. Nasceu em Diamantina em 1880 e veio a falecer em 1970. Sua obra adquiriu várias reedições e, também traduções, realizadas na década de 50: Uma inglesa realizada pela poeta norte-americana Elizabeth Bishop e a outra francesa, feita pela professora e pesquisadora Marlyse Meyer. A mais recente edição brasileira foi lançada pela Editora Companhia das Letras, em 1999.

[11] O segundo exemplar de Maria da Glória Arreguy, acabou publicado pela Editora Gráfica da Fundação Cultural de Belo Horizonte com o título: *Antes que toque a meia-noite: memórias de uma professora*.

[12] Nelly Novaes Coelho, a esse respeito, afirma: "Aliás, essa década [a de 40] foi sobremaneira propícia para as mulheres escritoras no Brasil, pois nela estrearam nomes de diferentes gerações, hoje já consagrados:

Dinah Silveira de Queirós, Helena Silveira, Isa Silveira Leal, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Elisa Lispector, Stella Leonardos...". O período 30/40 do século XX, segundo Nelly, tornou-se para muitas mulheres favorável, dada a necessidade de uma literatura de cara brasileira para meninos e meninas. Não é ocasional, portanto, o sucesso de escritoras-memorialistas como Maria José Dupré, Maria de Lourdes Teixeira, Raquel de Queiroz, Cecília Meireles, Carolina Nabuco e outras que tanto fascinaram o público mirim, assim como arrebataram um público jovem e adulto pela versatilidade de seus temas e pela forma literária que afirmou o estilo de cada uma delas.

[13] LAJOLO. *A* leitora no quarto dos fundos. *Leitura: teoria e prática*, n.25, p.10.

14 LAJOLO. *A* leitora no quarto dos fundos. *Leitura: teoria e prática*, n.25, p. 11.

[15] LAJOLO. *A* leitora no quarto dos fundos. *Leitura: teoria e prática*, n.25, p.11-12.

[16] LAJOLO. *A* leitora no quarto dos fundos. *Leitura: teoria e prática*, n. 25, p. 12

17 Em 1963, a escritora lança em edição independente, "Provérbios e Pedaços da Fome", título que a exemplo de seu segundo livro, não alcançou sucesso editorial. Em 1982, os franceses editaram *Journal de Bitita*, obra póstuma de Carolina, que obteve quatro anos depois, sua edição brasileira – *Diário de Bitita* – uma autobiografia que narra os anos de infância e mocidade, na pequena cidade de Sacramento, em Minas Gerais.

18 Jornalista engajada nas discussões feministas da época e que assume a co-autoria do livro.

19 PERPÉTUA. A escrita autobiográfica. In: ALMEIDA (org.). *Para que serve a escrita?*, p.168-173.

20 Infelizmente, ainda não consegui rastrear outros títulos divulgados nessa coleção, pela Brasiliense.

21 Obra divulgada inicialmente em capítulos na revista *Ocidente*, nos anos de 1939 e 1940. O livro é editado décadas depois, em 1981.

22 Obra com reedições, também, pelo *Círculo do Livro* e que, por hipótese, deve ter viabilizado outras edições autobiográficas e femininas, além de outros títulos literários que se tem referência.

23Poderia citar as informações disponibilizadas pela *Editoras online*[14] e por editoras como a Record, a Rosa dos tempos, a ECO e ACIGI, que catalogam em parceria a relação de títulos de sua seção intitulada *Biografia, Depoimento, Memórias*.

24 É importante considerar que os termos patrimônio, documento e monumento, ora utilizados sustentam-se a partir das proposições de Jacques Le Goff, em *História e memória*, 1994.

25Sobre Anita Garibaldi vieram a público mais dois livros, também, de cunho biográfico: "Anita Garibaldi – uma heroína brasileira", escrito por Paulo Markun e "Anita", de Flávio Aguiar, ambos comentados pela revista CULT, na edição de janeiro/2000.

26Glauber Andrade Rocha, cineasta brasileiro, nascido em Vitória da Conquista/BA, em 1938 e falecido no Rio de Janeiro, em 1981. Glauber abandona os estudos de direito para dedicar-se ao jornalismo e à crítica cinematográfica, tendo depois feito sua passagem pelo teatro. (Cf. *Larousse Cultural*, p. 5084, v. 21.)

27Cida Golin é autora da tese de doutorado *Entrevistas com mulheres de escritores brasileiros: subsídios para uma história privada da literatura*. Trabalho cujo objeto de estudo são quatorze entrevistas biográficas realizadas com mulheres de escritores e publicadas no livro da Edipucrs – *Memórias de vida e criação* e *Confissões do amor e da arte* –, organizadas pela jornalista Vera Regina Morganti e publicada pela editora Mercado Aberto, em 1994. Neste volume, encontram-se os depoimentos das esposas de Érico Veríssimo, Josué Guimarães, Ariano Suassuna, Autran Dourado, Hermilo Borba Filho e Vianna Moog, agora já falecida. A tese que fundamenta esses dois livros está registrada através do nome Cassilda Golin Costa e pode ser encontrada na biblioteca da Faculdade de Letras da PUCRS. (As informações prestadas sobre esses trabalhos foram, gentilmente, cedidas por Regina Zilberman e pela própria Cida Golin, as quais agradeço.

28*Amrik*, em libanês, América – um sonho de liberdade e trabalho vivido por turcos, muitos cristãos libaneses, que fugiram da dominação turca e emigraram.

29O conceito de "pacto autobiográfico" está sendo tomado como define Phillipe Lejeune (1975:14-15).

30A mesma autora de *Com licença eu vou à luta: é ilegal ser menor*, pela editora Rocco, e que em 1986 já contava com sua 19. edição.